

CONCEITO

OLHAR DESCONEXO

Repensar o futuro é **mais do que uma questão social**. É uma questão de **alma**. É um chamado para olhar pra dentro, pra trás, e reconhecer **o vazio que nos move** — essa ausência silenciosa que nos faz buscar, incansavelmente, por algo que nos **preencha**.

A folha branca da ilustração representa esse vazio. Um espaço que causa **incômodo**, mas que também convida à reflexão.

Ali, no canto da página, uma estrutura fragmentada abriga três olhos: dois abertos e um fechado.

O olho que olha para cima carrega o **desejo pelo futuro**, pela ascensão, por tudo que brilha e encanta na superfície do mundo. Representa **o impulso de seguir em frente sem olhar pra trás**.

O olho que olha para baixo **observa o passado**, com consciência e angústia. **Ele enxerga os erros que se repetem**, as respostas diante de si, as dores que se reciclam.

Entre eles, o olho fechado simboliza **a desconexão**. **É a ausência de diálogo** entre o que fomos e o que queremos ser. **É o comodismo** de fechar os olhos para continuar vivendo como se nada tivesse acontecido — ou como se não tivéssemos **responsabilidade** alguma **pelo amanhã**.

A composição incompleta, desequilibrada e isolada na folha reforça a sensação de **deslocamento e ruptura**.

A ausência de uma base sólida questiona: como construir o futuro se seguimos **ignorando nossas raízes?**

Não há como cuidar da Terra se não estivermos **enraizados** nela. Não há como **sonhar com um mundo melhor** se continuarmos desconectados de quem somos, de onde viemos, e do espírito que habita em nós.

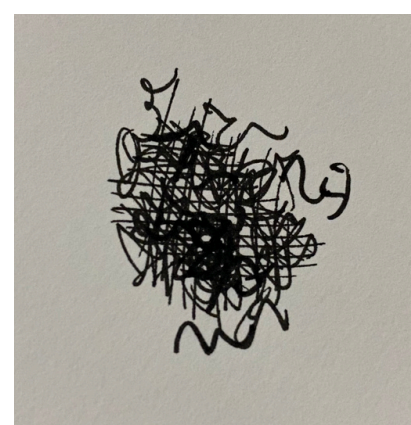
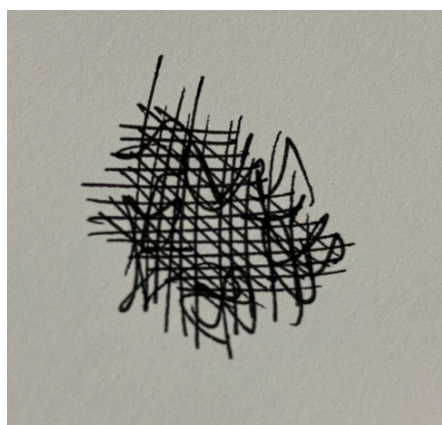
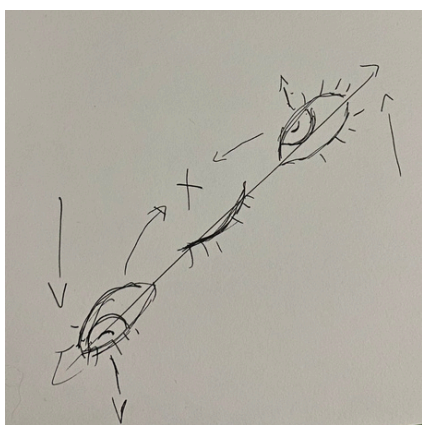
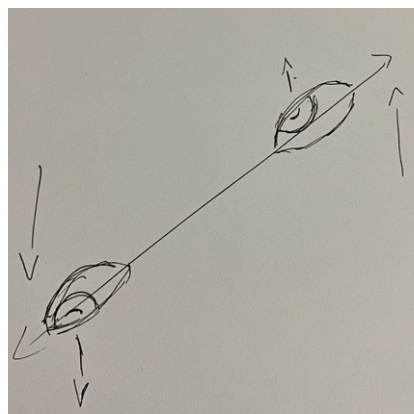
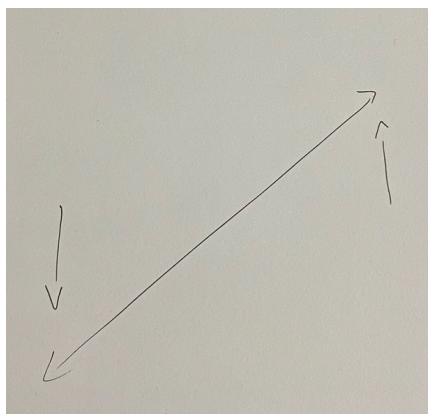
Essa arte é um convite ao incômodo, à pausa e à reconexão.

Repensar o futuro exige muito mais do que planejamento: exige consciência, ancestralidade, e coragem para abrir os olhos da forma correta.

Rough (RAFE)

Esta ilustração nasceu do sentir e, depois, do compreender. Foi pensada desde o início como uma imagem, alinhada à proposta do desafio, tanto no conceito quanto na sua construção visual. A escolha de desenvolver o desenho manualmente, no papel, carrega a intenção de preservar a força do traço, do gesto e do espaço em branco como elementos narrativos.

Após sua criação, a obra foi digitalizada e passou por tratamento de imagem, com ajustes de cor, limpeza e definição, garantindo sua adaptação ao formato digital e à proposta gráfica final. Essa transição do físico para o digital também faz parte do discurso, reforçando a reflexão sobre as conexões entre o humano, o artesanal e o futuro que se (re)pensa constantemente.



PROCESSO CRIATIVO

Esta ilustração nasceu de um lugar muito íntimo — do sentir profundo e, em seguida, do compreender. Compartilho aqui as principais referências que inspiraram esse sentimento e ajudaram a estruturar o conceito por trás da obra.



REFERÊNCIA MUSICAL – EP CARTA PARA A HUMANIDADE, DA BANDA MATO SECO (2021)

Lançado em 2021, durante a pandemia, o EP Carta para a Humanidade traz uma reflexão sobre o distanciamento humano e os impactos do individualismo. Através de uma visão crítica e sensível, a banda questiona os rumos da humanidade e a perda dos valores que nos conectam.

Trecho:

“Mais do que nunca hoje vemos
Que se não aprendermos
A viagem acaba aqui
Isolados de nós mesmos (...)
Deixando o que nos fazia humanos pra trás”
Se espalhando e habitando o mundo”



REFERÊNCIA ARTÍSTICA – SUZANO CORREIA

Conhecer o trabalho de Suzano Correia durante meu processo criativo foi fundamental. Sua sensibilidade e a coragem de usar a melancolia como linguagem me ajudaram a libertar o perfeccionismo, valorizando o traço solto e o poder do simples, com uma expressão sincera e intensa.



REFERÊNCIA LITERÁRIA – FUTURO ANCESTRAL DE AILTON KRENAK

No meio do processo criativo, me indicaram Futuro Ancestral pela forte conexão com o conceito que eu já intuía e sentia. A leitura foi fundamental para transformar esse sentir em estrutura, fortalecendo minha visão e linguagem no projeto.

Trecho:

“Quando Davi Kopenawa narra as alianças entre os humanos e os xapiri, os espíritos da floresta, está falando da mesma coisa. Temos que reflorestar o nosso imaginário e, assim, quem sabe, a gente consiga se reaproximar de uma poética de urbanidade que devolva a potência da vida.”

